

ça e formas de tornar mais efetivo o ensino no meio rural.

Na parte III — "O professor rural e sua formação" são apresentados cinco artigos. José F. Alencar faz uma análise de dados estatísticos sobre o magistério no estado do Ceará: 40% dos professores urbanos e 80% dos professores rurais são leigos; caracterizam-se como uma categoria profissional assalariada à margem da legislação, sem direitos, recebendo muitas vezes um quinto do salário mínimo regional; são, em geral, filhos de pequenos agricultores, dependentes economicamente do pai ou do marido; constituem uma categoria profissional relativamente homogênea, ideologicamente conservadora e submetida às oligarquias municipais. Mudanças na organização profissional e luta por salários a partir de 1986 resultaram na criação da APROMICE — Associação dos Professores Municipais do Ceará que enfrenta oligarquias e demanda à universidade maiores qualificações.

Os quatro artigos seguintes procuram analisar o conteúdo de programas de capacitação do magistério. Ozir Tesser analisa o conteúdo dos programas de Sociologia Educacional e História da Educação da formação pedagógica do LOGOS II, um programa proposto pelo Centro Técnico de Brasília. Mostra a incongruência dos conteúdos e a inadequação dos conhecimentos ministrados no ensino à distância. Susana V. Jimenez e Ozir Tesser analisam, no mesmo projeto LOGOS II, a proposta de microensino, para a capacitação de professores que estão em fase de treinamento e habilitação. Concluem que é totalmente inadequada para a real habilitação e qualificação de professores leigos. Chegam à mesma conclusão Maria Mercedes C. Alvite e Maria Tereza A. Guimarães que descrevem a pouca eficiência dos encontros pedagógicos do Projeto LOGOS II. Não obstante, os encontros constituem a única oportunidade para professores leigos trocarem experiências e partilharem dificuldades.

Finalmente, o último artigo assinado por Ozir Tesser, Susana V. Jimenez, Maria Mercedes C. Alvite e

Maria Tereza A. Guimarães, traz o projeto de avaliação de programas de professoras "leigas" no Ceará do qual os artigos anteriores fazem parte. Apresentam a proposta de traçar o perfil da professora leiga e analisar os programas de capacitação desenvolvidos pela Secretaria de Educação do Ceará e o Programa LOGOS II do Serviço Técnico de Brasília. Apresentam os pressupostos teórico-metodológicos de cada proposta e a maneira como vão encaminhar a análise de conteúdo de cada programa.

A publicação de *Educação e escola no campo* é certamente um marco nos estudos sobre o tema, faz diagnóstico, aponta perspectivas e revela um real empenho dos profissionais da universidade na difícil tarefa de habilitar e profissionalizar o professor do meio rural. É a leitura recomendada a todos os estudantes de educação.

Lia Fukui

## DO MUNDO DA LEITURA PARA A LEITURA DO MUNDO

Marisa Lajolo

São Paulo, Ática, 1993. 112 páginas.

Em seu último livro de ensaios, Marisa Lajolo mais uma vez aborda o tema da leitura, levando o leitor a percorrer o trajeto de mão dupla que liga o mundo da leitura dos livros com a leitura do mundo.

Dividindo o livro em duas partes, a autora inicia o trajeto pelo mundo dos livros, isto é, por realidades que instauram e promovem os livros e, conseqüentemente, a leitura: a escola, as editoras, os professores. A segunda parte se volta para realidades constituídas pela leitura. Ou seja, para representações literárias criadas por Machado de Assis, Pepetela e Lobato a propósito de escola, leitura e literatura.

Os ensaios da primeira parte que tratam mais de perto da relação literatura infanto-juvenil/escola são imperdíveis. Discorrendo sobre o caráter uniforme e empobrecedor das leituras praticadas em sala de aula, a autora nos mostra que os motivos dessa atitude são vários e interdependentes, desde a insegurança dos professores até as "fichas de leitura" distribuídas pelas editoras. Faca de dois gumes, as fichas auxiliam os professores mas impõem modelos simplificadores de leitura, que compreendem questões óbvias sobre a referencialidade dos textos (ver ensaio **Poesia: uma frágil vítima da escola**), lista de personagens, atividades lúdicas "criativas".

Essas atividades, escritas ou "lúdicas", afirma a autora, não são negativas em si mesmas. O problema é que elas não só pretendem, como estão substituindo a verdadeira experiência da leitura. Assim, o que era para ser preliminar ou acessório, passa a ser o núcleo dessa atividade por excelência solitária, livre, acolhedora de nossas vivências ou impasses individuais.

Apesar de insistir na singularidade do ato de ler, os ensaios jamais caem naquela ladainha ouvida com tanta frequência nos últimos tempos: a de que cada leitor constrói sua própria leitura num ato criativo de reescrever o texto e... estamos conversados. Ladainha, aliás, tão radical quanto os roteiros de leitura, com a desvantagem de deixar os professores sem saber o que fazer. Ao contrário, a autora mostra caminhos, afirmando que a formação dos professores de Português passa por um conhecimento amplo da linguagem, da língua portuguesa e das literaturas por ela expressas, que o ensino da literatura não deve fugir de encaminhamentos tradicionais como a inserção do texto em sua época de produção ou o conhecimento da "instituição" literária. Ou ainda, que o professor deve estar familiarizado com a história do ensino dessas disciplinas, para se perceber em um processo que não começa nem termina nele.

Ainda na primeira parte, destaca-se o ensaio sobre o livro didático, fundamentado em depoimentos e representações literárias do século passado e início deste século, assim como em pesquisas recentes. O texto confirma, mais uma vez, os equívocos do livro didático, mas tem a vantagem de mostrar que o seu malfadado percurso é antigo e se sofisticava com o passar dos anos. Enfim, o texto atrai não só por seu conteúdo, mas também por seu enfoque histórico, uma das linhas de força dos escritos da autora.

A segunda parte do livro começa com um paralelo entre a ficção e a crítica jornalística de Machado de Assis, onde se fica sabendo que nosso maior escritor foi um "mestre em leitura". Mestre por que soube trazer para sua obra literária os temas sobre literatura brasileira debatidos na imprensa. Disso, o exemplo mais conhecido são os famosos diálogos com o leitor, quando Machado constrói uma verdadeira pedagogia da leitura.

O ensaio sobre Monteiro Lobato também trata de leitores ficcionais, mais exatamente de Dona Benta, leitora-contadora de histórias. Assim, ao adaptar para seus pequenos ouvintes — Emília e os netos — uma antiga versão lusitana de Dom Quixote, Dona Benta dá um show de leitura, mostrando como deve agir uma iniciadora de jovens leitores.

No último ensaio do livro a autora retorna ao mundo dos leitores de carne e osso, acentuando o movimento de vaivém presente em todo o livro, inclusive no título de construção espelhada. Mas o movimento mais importante do livro é aquele que todo bom livro deve realizar: levar o leitor a entender melhor o seu mundo e, quem sabe até mesmo aguçá-lo o desejo de interferir nessa complexa realidade que é a da educação brasileira.

*Maria Célia Rua de Almeida*